MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOMENS TRANS: VAMOS FALAR SOBRE PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS?

Brasília – DF
2018

MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Vigilância em Saúde
Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais

HOMENS TRANS: VAMOS FALAR SOBRE PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS?

Brasília – DF
2018

Tiragem: 1ª edição – 2018 – xxxxx exemplares

Elaboração, distribuição e informações:
MINISTÉRIO DA SAÚDE
Secretaria de Vigilância em Saude
Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais
SRTVN, Quadra 701, lote D, Edifício PO700, 5º andar
CEP: 70719-040 – Brasília/DF
Site: http://www.aids.gov.br
E-mail: aids@aids.gov.br

Edição:
Assessoria de Comunicação (ASCOM)

Organização e Colaboração:
Adele Schwartz Benzaken
Alexandre Peixe dos Santos
Alícia Krüger
Ana Monica de Mello
Carina Bernardes
Cauã Cintra
Damiana Bernardo de Oliveira Neto
Dênis Roberto da Silva Petuco
Diego Agostinho Callisto
Elisiane Pasini
Eric Seger de Camargo
Gilvane Casimiro da Silva
Irene Smidt Valderrama
Ivanete Ribeiro Dias Carvalho
Julian Chiba
Lam Matos
Leonardo Farias Pessoa Tenório
Luca Hanie Alves Ferreira
Liliana Pittaluga Ribeiro
Márcia Rejane Colombo
Maria Vitória Ramos Gonçalves
Rafael Carmo Ramos
Silvia Giugliani
Társio Benício de Assis Gomes

Equipe Técnica:
Filipe de Barros Perini
Alexsana Sposito Tresse
Ana Francisca Kolling
Andréa de Brandão Beber
Marihá Camelo Madeira de Moura
Fernanda Moreira Rick
Gláucio Mosimann Júnior
Ana Izabel Costa de Menezes
Elisa Argia Basile Cattapan
Elton Carlos de Almeida
Fernanda Fernandes Fonseca
Tatianna Meirelles de Alencar
Paula Emília Adamy
Regina Brizolara
Francisca Lidiane Sampaio Freitas
Robério Alves Carneiro Júnior

Revisão ortográfica:
Angela Gasperin Martinazzo

Ilustrações:
Rafael Carmo Ramos

Capa/diagramação:
Fernanda Dias Almeida Mizael

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Ficha Catalográfica

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais.

48 p. : il.

ISBN

1. HIV. 2. Atenção Básica à Saúde. 3. Agravos à Saúde. I. Título.

CDU

Catalogação na fonte – Coordenação-Geral de Documentação e Informação – Editora MS – OS
Título para indexação:

AGRADECIMENTOS

Somos especialmente gratos aos homens trans ativistas que pesquisaram, escreveram o texto e fizeram outras colaborações para que esta cartilha pudesse acontecer:

Alexandre Peixe dos Santos (IBRAT)

Cauã Cintra (REDETRANS)

Eric Seger de Camargo (IBRAT)

Julian Chiba (REDETRANS)

Lam Matos (IBRAT)

Leonardo Farias Pessoa Tenório (IBRAT)

Luca Hanie Alves Ferreira (REDETRANS)

Rafael Carmo Ramos (REDETRANS)

Társio Benício de Assis Gomes (IBRAT)

Um agradecimento particular também ao *Rafael Carmo Ramos*, que ilustrou esta cartilha.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Se você se identifica como homem trans ou pessoa transmasculina, esta cartilha foi feita para você, especialmente se você faz ou deseja fazer sexo. O objetivo é levar a você informações sobre como se transmitem e se previnem infecções sexualmente transmissíveis (IST) – ou seja, como fazer sexo seguro. A intenção é que, estando mais informado, você tenha mais recursos para se cuidar e, assim, diminua suas chances de ter uma IST. Além disso, caso você tenha uma dessas infecções (e não saiba), não correrá o risco de transmiti-la para outras pessoas.

Mas fique tranquilo! Fizemos um esforço no sentido de apresentar várias opções sobre formas de prevenção, mapeando as possibilidades de orientações e práticas sexuais para as mais diversas formas de ser trans. Esta cartilha abordará também outros assuntos muito importantes, que têm tudo a ver com IST, seu corpo e sua vida de homem trans, como gravidez, prevenção de câncer de colo de útero, uso de packer, prótese peniana e chuca.

A promoção da saúde integral, sexual e reprodutiva dos homens trans é um dever do Estado e um direito dessa população, garantido por meio da Política Nacional de Saúde Integral de Pessoas LGBT, do Processo Transexualizador no SUS e dos princípios da Prevenção Combinada (BRASIL, 2017).

Esta cartilha é resultado de uma parceria entre o Ministério da Saúde e duas organizações do movimento social de homens trans do Brasil: o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (Ibrat) e a Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil (RedeTrans).

QUEM SÃO OS HOMENS TRANS?

Aqui no Brasil, a identidade dos homens trans vem se consolidando há alguns anos: é o grupo de pessoas que, ao nascer, foram consideradas do sexo feminino, mas que, ao se desenvolverem, expressam uma identidade masculina (ou dentro das masculinidades), sentem-se pertencentes ao gênero masculino e buscam o reconhecimento social como homem, homem trans ou pessoa transmasculina. Em geral, os homens trans se colocam na sociedade expressamente como diferentes das mulheres; mas, se ainda não tiveram contato com a identidade social e cultural dos "homens trans", é possível que ainda não tenham tido a oportunidade de se posicionarem de um modo diferente do que dentro da categoria de "mulher".

Homens trans, culturalmente, têm a expressão de sua masculinidade por meio do uso de roupas atribuídas ao gênero masculino, cortes de cabelo curto e um "nome social" (um nome masculino pelo qual se reconhecem e se apresentam, para serem chamados por outras pessoas).

Muitas vezes também é utilizado algum recurso para comprimir os seios, antes da mamoplastia, como coletes compressores ortopédicos, fitas adesivas ou faixas – os "binders". O uso de testosterona (em geral via injeção) pode ser requerido para produzir características físicas como crescimento de barba e de pelos corporais, engrossamento da voz, distribuição de gordura em um padrão mais "masculino", aumento da musculatura, interrupção da menstruação e crescimento do clitóris. Também pode-se buscar a cirurgia para retirada das mamas e masculinização do tórax (mastectomia e/ou mamoplastia masculinizadora), a retirada do útero e ovários (histerectomia total), o fechamento do canal vaginal e a cirurgia genital (que pode ser realizada pelo método da neofaloplastia ou da metoidioplastia).

Nem todos os homens trans buscam todas essas tecnologias, pois não existe uma maneira única de ser homem trans e pessoa transmasculina. Esses são os recursos culturais que podem ser requeridos para que, assim, cada um adapte a expressão do seu gênero e masculinidade de modo a se sentir mais confortável em relação ao seu corpo, tenha mais bem-estar psicológico e alcance mais satisfação em relação ao reconhecimento social de sua identificação no gênero masculino. Essa chamada "transição de gênero" (assumir uma identidade diferente da designada ao nascimento) é uma busca legítima que deve ser respeitada, sendo muitas vezes necessária para a felicidade do indivíduo. É muito importante que o homem trans tenha autonomia quanto às decisões sobre seu corpo, além de respeitar sua individualidade e seu próprio tempo para realizar e experimentar o que desejar, e apenas se desejar.

Pessoas transmasculinas ou Transmasculinos

Algumas pessoas que se identificam com as transmasculinidades não se reconhecem dentro do rótulo de "homens". São os transmasculinos ou pessoas transmasculinas: foram designados como "mulheres" ao nascer e se identificam mais dentro do espectro das masculinidades, mas de uma forma "não-binária" (fora da categoria binária homem ou mulher).

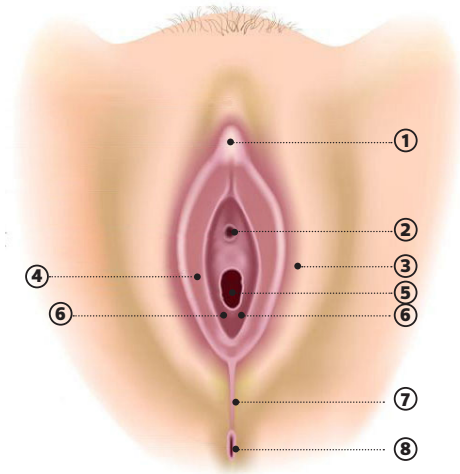
QUAIS SERIAM OS HOMENS TRANS MAIS VULNERÁVEIS ÀS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS (IST)?

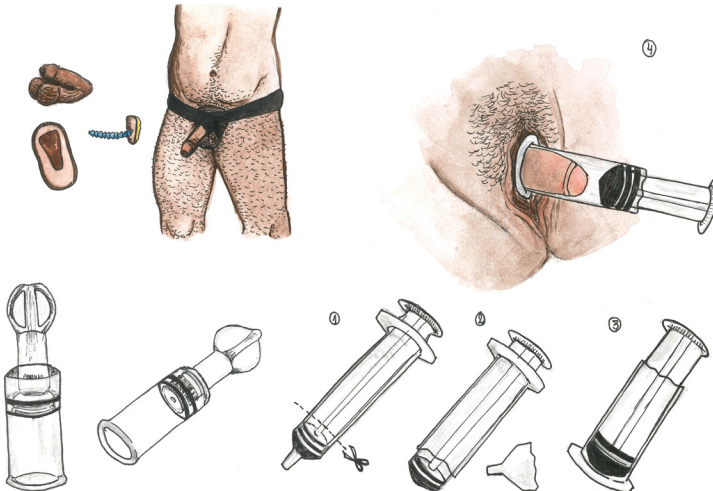
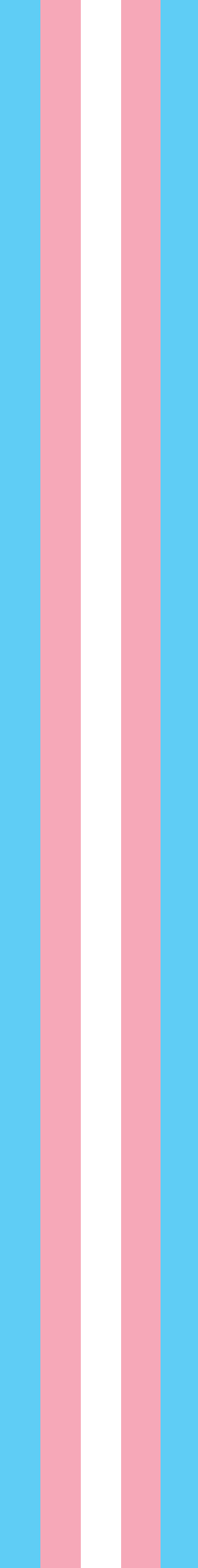
Existem algumas pesquisas internacionais a respeito de IST na população de homens trans e pessoas transmasculinas; no Brasil, contudo, ainda há poucos dados para consolidar com maior precisão qual o perfil de homens trans com mais chances de ter uma IST, ou seja, quais deles são mais vulneráveis. Porém, com o que se tem de informação acadêmica disponível, e por associação com outros fatores de risco comuns a todas as pessoas, podemos considerar que os homens trans mais vulneráveis às infecções sexualmente transmissíveis são:

- Os que fizeram e fazem sexo desprotegido, ou seja, sem preservativos, independentemente de sua orientação sexual ou do gênero de seu(sua) parceiro(a);
- Os heterossexuais, gays, bissexuais ou pansexuais que fazem sexo sendo penetrados por seus parceiros(as) que têm pênis;
- Jovens entre 15 e 24 anos: 60% da população brasileira iniciam a vida sexual antes dos 19 anos, e a epidemia de HIV segue mais frequente e persistente nessa faixa etária entre pessoas trans (BRASIL, 2015);
- Os que fazem sexo desprotegido com múltiplos(as) parceiros(as);
- Pessoas que usam álcool e outras drogas: é importante observar que o consumo de álcool, tabaco e maconha é grande entre homens trans (SOUZA et al., 2015);

- A população de homens trans privados de liberdade concentrada no interior dos presídios e colônias penais femininas brasileiras;
- Os(as) trabalhadores(as) do sexo: uma categoria ainda crescente no Brasil.

Ainda assim, todos os homens trans e transmasculinos brasileiros devem contar com a atenção das políticas públicas de saúde para a prevenção dessas IST, e fazer com regularidade testes rápidos de HIV, sífilis e hepatites virais B e C – que estão disponíveis no SUS. O HPV você verifica quando faz a coleta de secreção vaginal no exame preventivo de câncer de colo de útero, o papanicolau. Também está disponível no SUS a vacinação contra HPV (em especial para meninos trans, que nasceram com útero, entre 9 e 13 anos) (BRASIL, on-line) e contra hepatite B (para todos, independentemente da idade, orientação sexual e identidade de gênero, que não possuem hepatite B).

CONHEÇA SEU ÓRGÃO SEXUAL

1. Clitóris: região que possui mais sensibilidade erógena.
2. Uretra: canal por onde é eliminada a urina.
3. Grandes lábios
4. Pequenos lábios
5. Canal vaginal: no fundo desse canal fica o colo do útero.
6. Glândulas de Bartholin: produzem a lubrificação da vagina quando a pessoa está excitada.
7. Períneo: região entre o canal vaginal e o ânus.
8. Ânus

Uso do pump para clitóris

O QUE SÃO AS IST?

As IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis) são infecções contagiosas cuja transmissão se dá mais frequentemente por meio das relações sexuais (sobretudo vaginais, orais ou anais). Elas frequentemente são assintomáticas e também podem ser transmitidas nessa fase. Quando sintomáticas, podem causar adoecimentos mais simples ou mais graves. Por isso, é importante sempre se prevenir e realizar exames regularmente. Vamos falar principalmente das IST mais prevalentes e graves na população geral, contextualizando-as na vida dos homens trans.

COMO AS IST SÃO TRANSMITIDAS?

As principais vias de transmissão de IST são:

- Relações sexuais vaginais não protegidas, ou seja, quando o pênis é introduzido na vagina sem preservativo (peniano ou vaginal);
- Relações sexuais anais não protegidas, ou seja, quando o pênis é introduzido no ânus sem a proteção de um preservativo;
- Relações sexuais orais não protegidas, ou seja, quando a vagina, o clitóris ou o pênis estão em contato direto com a boca do(a) parceiro(a), sem uma barreira protetora;
- Troca de fluidos corporais: a secreção vaginal e uterina, a menstruação, a lubrificação da uretra do pênis, o esperma e o sangue são fluidos corporais que transmitem os vírus ou bactérias sexualmente transmissíveis. As mãos, a fricção entre órgãos sexuais e o sexo oral podem transferir de você a outra pessoa, ou vice-versa, esses microrganismos causadores de doenças;
- Durante a gestação, parto e aleitamento;
- Também há risco de transmissão por meio de partilha de: brinquedos sexuais (packers, próteses penianas, vibradores), objetos utilizados para fazer chuca, lâminas de barbear, alicates de unha e seringas para injeção (de testosterona ou drogas injetáveis).

É importante destacar, ainda, a "Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas relacionadas às IST e Aids na População Brasileira de 15 a 64 anos" (PCAP), segundo a qual um quarto da população brasileira iniciou a atividade sexual antes dos 15 anos, e outros 35%, entre 15-19 anos. Além disso, quase 30% da população de 15 a 49 anos relataram ter múltiplas parcerias no ano anterior à pesquisa (mais de uma parceria sexual), sendo 47% entre os homens e 18% entre as mulheres (BRASIL, 2016b).

QUAIS E COMO SÃO AS IST MAIS COMUNS?

HIV

HIV é uma sigla em inglês que significa "vírus da imunodeficiência humana". Esse vírus, causador da doença conhecida como "aids" (síndrome da imunodeficiência humana adquirida), ataca o sistema imunológico, responsável por defender o organismo de doenças infecciosas. Ter HIV não é a mesma coisa que ter aids.

Há muitas pessoas vivendo com HIV que passam anos sem apresentar sintomas e sem desenvolver a doença (aids). Mas podem transmitir o vírus a outras pessoas pelas relações sexuais desprotegidas (sexo vaginal, anal e oral).

O diagnóstico se dá pela realização do exame de sangue, que pode ser feito por meio de teste rápido no SUS. Não há cura para o HIV, mas existe tratamento, feito à base de medicamentos antirretrovirais (ARV). A terapia altamente eficaz com antirretrovirais é conhecida como TARV, que muitas vezes torna a carga viral indetectável, melhorando a qualidade de vida do indivíduo vivendo com HIV e diminuindo a sua possibilidade de transmitir o vírus.

ASSIM PEGA	*ASSIM NÃO PEGA*
Penetração vaginal e anal sem preservativo	*Beijo*
Sexo oral sem barreira de contenção	*Abraço*
Compartilhamento de seringa e outros materiais perfurocortantes	*Compartilhamento de talheres*
Gravidez e amamentação sem realizar os cuidados necessários para não transmitir a infecção	*Uso do mesmo banheiro*

Hepatites virais B e C

São doenças silenciosas causadas por vírus que prejudicam o fígado, podendo levar à cirrose e/ou ao câncer se não tratadas. As hepatites B e C são as mais transmitidas por vias sexuais, contágio por sangue e compartilhamento de objetos contaminados, e por transmissão vertical (durante a gestação, parto e amamentação). Essas hepatites contam com testagem rápida e tratamento gratuito no SUS.

A hepatite A tem como principal meio de transmissão a via fecal-oral, ocorrendo também por transmissão sexual anal-oral. As medidas de prevenção durante a prática sexual com relação à infecção pelo vírus da hepatite A são: higienização das mãos, genitália, períneo e região anal antes e após as relações sexuais, além da higienização de próteses penianas, packers etc.

ASSIM PEGA	*ASSIM NÃO PEGA*
Penetração vaginal e anal sem preservativo	*Beijos e abraços*
Sexo oral sem barreira de contenção	*Tomando as 3 (três) doses da vacina contra a hepatite B.* Observação: não há vacina para a hepatite C.
Compartilhamento de objetos de uso pessoal, como packer, *prótese peniana, alicate de cutícula, lâminas de barbear e escovas de dentes*	
Compartilhamento e reutilização de seringas e agulhas para aplicação de hormônios, drogas injetáveis e silicone industrial	
Realização de tatuagem e piercing *com material reutilizado*	
Contato sanguíneo	

HPV

O papilomavírus humano (HPV) é uma IST transmitida no contato pele com pele, mas, diferentemente das demais, não é preciso haver troca de fluidos para que a transmissão ocorra. O vírus atinge a pele e as mucosas, podendo causar verrugas ou lesões percursoras de câncer de colo de útero, garganta ou ânus. Em homens trans, pessoas transmasculinas e mulheres cis, essas lesões podem se manifestar normalmente na vulva, na vagina, no períneo, no colo do útero e no ânus.

Na maioria dos casos, não há manifestação aparente. Sua descoberta se dá normalmente por meio de algum exame de rotina, como o exame preventivo de câncer de colo de útero (o papanicolau).

<table>
<tr><th>ASSIM PEGA</th><th>ASSIM NÃO PEGA</th></tr>
<tr><td>Penetração vaginal e anal sem preservativo</td><td>Beijos e abraços</td></tr>
<tr><td>Sexo oral sem barreira de contenção</td><td rowspan="3">Tomando a vacina contra o HPV</td></tr>
<tr><td>Gravidez e amamentação sem realizar os cuidados necessários para não transmitir a infecção</td></tr>
<tr><td>Formas de contágio mais raras: contato com verrugas de pele, compartilhamento de roupas íntimas, toalhas etc.</td></tr>
</table>

É necessário **fazer o exame preventivo de câncer de colo de útero regularmente, a partir dos 25 até os 64 anos, se você houver iniciado a vida sexual**. Realiza-se a coleta da secreção vaginal para análise laboratorial (o exame citopatológico) e, se tudo estiver bem, nada mais. Apenas se necessário, é realizado outro exame complementar, a colposcopia. Caso continue tudo bem por dois anos seguidos, você só precisa repetir esse exame novamente a cada três anos – se não se expuser ao risco de contaminação (BRASIL, 2016).

Sífilis

É uma IST curável, causada por bactéria. Mas também pode apresentar várias manifestações clínicas e diferentes estágios: sífilis latente, primária, secundária, terciária e congênita. Nos estágios primário e secundário da infecção, a possibilidade de transmissão é maior.

- Sífilis latente: condição frequente, é quando a sífilis não apresenta sintomas, ou seja, está assintomática.
- Sífilis primária: presença de uma ferida pequena e indolor nos órgãos sexuais e ânus.
- Sífilis secundária: aparecem manchas no corpo que geralmente não coçam. Pode haver febre, mal-estar, dor de cabeça e ínguas pelo corpo.
- Sífilis terciária: ocorrem lesões cutâneas, ósseas, cardiovasculares e neurológicas, podendo levar à morte.
- Sífilis congênita: a sífilis, quando existente e não tratada, pode ser transmitida ao feto na gestação, causando aborto ou morte prematura do recém-nascido ou prejudicando seu desenvolvimento.

ASSIM PEGA	*ASSIM NÃO PEGA*
Penetração vaginal e anal sem preservativo	*Beijos e abraços*
Sexo oral sem barreira de contenção	*Tomando vacina contra o HPV*
Gravidez e parto sem realizar os cuidados necessários para não transmitir a infecção	*Realizando um pré-natal de qualidade (acompanhamento da evolução da gravidez pelo serviço de saúde)*

Gonorreia

Também é uma IST curável, causada por bactérias. Na maioria das vezes, está associada a uma infecção que atinge os órgãos genitais, a garganta e os olhos. Essas infecções frequentemente têm como primeiro sintoma a presença de corrimento vaginal ou peniano amarelado ou claro com mau cheiro. Quando não tratada, a gonorreia pode causar dor no baixo ventre (no pé da barriga), dor ao urinar, dor ou sangramento na penetração e abortos.

Existem outras IST que são relevantes para a saúde sexual de homens trans, tais como tricomoníase, herpes e clamídia.

Para mais informações, acesse: http://www.aids.gov.br/.

PREVENÇÃO DE IST NO SEXO ORAL, VAGINAL E ANAL

A "prevenção combinada" **é um conjunto de estratégias de** prevenção com uso de intervenções biomédicas, comportamentais e estruturais direcionadas **às pessoas** e aos grupos sociais a que pertencem, levando em consideração as necessidades, especificidades e as formas de transmissão do HIV e de outras IST.

Em resumo (pois falaremos de uma por uma nas próximas páginas da cartilha), essas estratégias são:

- Uso de preservativos (penianos e vaginais) e gel lubrificante;
- Profilaxia Pós-Exposição (PEP);
- Profilaxia Pré-Exposição (PrEP);
- Testagem rápida de HIV, hepatites B e C e sífilis;
- Redução de danos para as pessoas que usam álcool e outras drogas;
- Estratégias de comunicação (campanhas educativas e de sensibilização);
- Estratégias de comunicação de educação entre pares (como esta cartilha);
- Ações estruturais de enfrentamento ao racismo, sexismo, LGBTfobia e demais preconceitos.

MARCOS LEGAIS E OUTROS ASPECTOS ESTRUTURAIS
Testagem regular para o HIV, outras IST e HV
Profilaxia Pós-Exposição (PEP)
Profilaxia Pré-Exposição (PrEP)
Prevenir a Transmissão Vertical
Imunizar para HBV e HPV
Redução de danos
Diagnosticar e tratar as pessoas com IST e HV
Usar preservativo masculino, feminino e gel lubrificante
Tratar todas as pessoas vivendo com HIV/aids
POPULAÇÕES-CHAVE E PRIORITÁRIAS
PREVENÇÃO COMBINADA
MARCOS LEGAIS E OUTROS ASPECTOS ESTRUTURAIS

Sexo oral com barreira de proteção

A barreira de proteção é comumente usada no sexo oral, na vagina no ânus, para que a boca do(a) parceiro(a) não entre em contato direto com essas regiões, pois algumas IST podem ser transmitidas de uma pessoa a outra quando o sexo oral é feito de forma desprotegida (sem barreira de proteção).

Como fazer a barreira protetora a partir do preservativo peniano ou vaginal

01. Abra a embalagem do preservativo com os dedos pelo lado serrilhado
02. Segure a camisinha pela ponta e desenrole completamente o preservativo
03. Com uma tesoura ou os dentes e as pontas dos dedos, corte o anel e a ponta do preservativo
04. Corte o "cilindro" assim formado no sentido do comprimento, gerando um retângulo
05. Use o indicador e o polegar para firmar o preservativo, formando a barreira
06. Coloque-o em frente à boca, usando a parte de dentro do preservativo, para protegê-la na hora de fazer sexo oral no ânus ou vagina

Como utilizar o preservativo peniano

01. Abra a embalagem do preservativo com os dedos pelo lado serrilhado
02. Segure a camisinha pela ponta e desenrole completamente o preservativo ao redor do pênis já ereto até a base
03. Depois da penetração, o pênis com a camisinha deve ser retirado da vagina ou ânus ainda duro, e com a pessoa que tem o pênis segurando a base da camisinha, para não escapar esperma perto do seu órgão sexual ou ânus
04. Use o indicador e o polegar para firmar o preservativo, formando a barreira

Como utilizar o preservativo vaginal

Abra a embalagem do preservativo com os dedos pelo lado serrilhado **01**

Retire o preservativo da embalagem e segure externamente ao preservativo, com os dedos, o anel com a ponta da camisinha ao redor, e a introduza no canal vaginal **02**

Retire o preservativo da embalagem e segure externamente ao preservativo, com os dedos, o anel com a ponta da camisinha ao redor, e a introduza no canal vaginal **03**

No momento da penetração, observe se a camisinha vaginal corre o risco de entrar na vagina, e segure-a pelas abas externas caso isso ocorra **04**

Depois da penetração, se houve ejaculação do pênis, torça as abas externas da camisinha vaginal, retire-a com cuidado e a descarte no lixo **05**

Cuidados para não romper a camisinha e o uso de lubrificante

Verificar se o preservativo/camisinha está dentro do prazo de validade.

Guardar o preservativo em local sem calor nem umidade. Observação: a carteira não é um bom local, pelo desgaste de ficar o dia todo no bolso.

O uso do lubrificante é importante para reduzir o risco de a camisinha estourar e para não ferir ou assar a vagina ou ânus por dentro – ferimentos e fissuras são a porta de entrada e transmissão de IST no organismo. O ânus não tem lubrificação natural suficiente; por isso, o lubrificante é fundamental. No caso de homens trans que usam testosterona, pode ser que a vagina fique mais seca (com menos lubrificação); nesse caso, o lubrificante também é importante para o sexo vaginal.

A largura do preservativo peniano deve ser correspondente à do pênis, packer ou prótese peniana: mais fino (49 mm), médio (52 mm) ou mais grosso (55 mm). O preservativo vaginal pode ser utilizado independentemente do tamanho do pênis que for penetrar, sendo também útil caso o pênis, packer ou prótese peniana sejam muito grossos.

Fonte: BRASIL, 2015.

Onde conseguir preservativos e lubrificantes no SUS

As camisinhas ou preservativos utilizados em vaginas e em pênis e os lubrificantes devem ser distribuídos nos postos de saúde, nas secretarias de saúde (em especial no setor de prevenção de IST/HIV/aids), nos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) de IST e nos Serviços de Atenção Especializada (SAE) em HIV/aids. Podem também serem encontrados em centros de referência LGBT, coordenações LGBT, organizações não governamentais que lidam com a população LGBT, de prevenção de IST e/ou de luta por direitos de pessoas vivendo com HIV.

PREP: PROFILAXIA CONTRA O HIV ANTES DA EXPOSIÇÃO

A Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) consiste no uso diário e contínuo de antirretrovirais por pessoas não infectadas pelo HIV, com o intuito de reduzir o risco de infecção pelo vírus antes de as relações sexuais desprotegidas acontecerem. O uso correto do medicamento reduz em mais de 90% o risco de infecção pelo HIV, mas a eficácia dessa proteção está relacionada à realização correta da profilaxia: é necessário ingerir o comprimido todos os dias, regularmente, sem interrupções. E, ainda assim, a PrEP deve ser combinada com as outras medidas de prevenção, como o uso de preservativos e de gel lubrificante.

A PrEP é indicada para pessoas que sejam mais vulneráveis ao HIV, como no caso de pessoas trans que tenham práticas sexuais de risco acrescido.

Essa profilaxia já está sendo disponibilizada no SUS em alguns municípios brasileiros. Confira se o local onde você reside oferece PrEP, por meio do link: www.aids.gov.br/prep.

PEP: PROFILAXIA APÓS A EXPOSIÇÃO AO RISCO DE TER HIV E OUTRAS IST

A Profilaxia Pós-Exposição (PEP) é uma forma de prevenção da infecção pelo HIV e outras IST, para pessoas que tenham tido alguma exposição de risco a esses agravos, seja por via sexual consentida, violência sexual ou acidente laboral, recentemente.

Para as IST, como sífilis, gonorreia e tricomoníase, o tratamento baseia-se no uso de antibacterianos (antibióticos), com posologia definida. Para as hepatites virais, com foco na hepatite B, a profilaxia ocorre com o uso de imunoglobulinas, mas se deve proceder à avaliação de cada caso por um médico.

No caso específico do HIV, os medicamentos precisam ser tomados por 28 dias, sem parar, para impedir a infecção pelo vírus, sempre com orientação de um profissional de saúde. O ideal é que você comece a tomar a medicação em até 72 horas. Se administrada em até 3 (três) dias da exposição ao HIV, a PEP já se mostrou capaz de reduzir o risco de infecção pelo vírus em mais de 90% – porém, ela não é uma substituta para outras estratégias de prevenção do HIV, como o uso do preservativo.

Confira se o local onde você reside oferece PEP, por meio do link: www.aids.gov.br/pep/.

ANTIRRETROVIRAIS, PREP E PEP X HORMONIZAÇÃO

Alguns homens trans se preocupam com a interação medicamentosa entre a PrEP, a PEP e o tratamento com os antirretrovirais (TARV) e a terapia hormonal com testosterona, ou seja, se esses medicamentos vão atrapalhar os efeitos da hormonização ou vice-versa. São necessárias mais pesquisas sobre essa questão em relação à PrEP e à PEP, embora, inicialmente, se acredite que não há prejuízo no uso de PrEP ou PEP e a terapia hormonal. Em relação ao tratamento com antirretrovirais (TARV), naquelas pessoas que vivem com HIV e fazem uso concomitante da testosterona, sabe-se que não há prejuízo nem à terapia hormonal, nem à TARV.

TESTAGEM RÁPIDA DE HIV, HEPATITES B E C E SÍFILIS

Testes rápidos são aqueles cuja execução, leitura e interpretação demoram, no máximo, 30 minutos. Além disso, são de fácil realização e não necessitam de estrutura laboratorial, sendo feitos geralmente com uma amostra de sangue. No SUS é possível fazer testes rápidos de HIV, hepatites B e C e sífilis.

É importante saber também que o resultado desses exames mostra especialmente se você teve ou não determinada IST no passado, pois existe um período de "incubação" da IST no organismo humano. Durante esse período, o resultado do exame ainda não aponta que você tem determinado vírus ou bactéria causadora de IST – a chamada "janela imunológica" –, mas você pode ter esse vírus ou bactéria e estar repassando-os a outras pessoas. Por isso, é bom sempre realizar exames e se prevenir quanto à possibilidade da transmissão dessas IST, utilizando os preservativos e barreira de proteção.

Faça os testes rápidos no Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA) de IST do seu município ou no município mais próximo.

PREVENÇÃO À TRANSMISSÃO DE IST NA GRAVIDEZ, PARTO E AMAMENTAÇÃO

Transmissão vertical é a transmissão de alguma IST ou hepatite viral para o feto no útero durante a gestação, no momento do parto ou no período de amamentação.

É de extrema importância estar em dia com os testes rápidos de IST, antes e durante o pré-natal, pois quanto antes for feito o diagnóstico da infecção e iniciado do tratamento, menor o risco de uma transmissão para o feto. A presença de IST na gestação traz grandes riscos ao feto, como aborto, doenças congênitas, parto prematuro e até morte do recém-nascido.

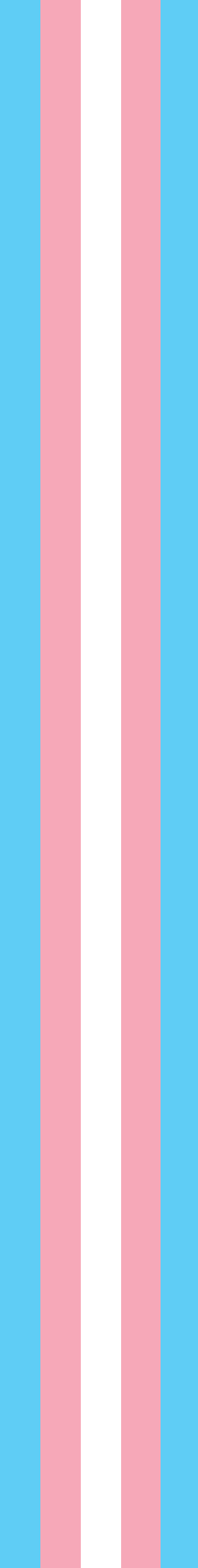
O teste de HIV deve ser realizado na primeira consulta do pré-natal (primeiro trimestre) e no terceiro trimestre de gestação. No caso da sífilis, devem ser feitos testes no primeiro e no terceiro trimestres da gestação, no momento do parto e após o parto, em caso de aborto. O exame para detectar hepatite B deve ser realizado no primeiro trimestre de gestação, ou no primeiro pré-natal. Se o vírus for detectado, o gestante deve ser vacinado para hepatite B.

É fundamental a atenção redobrada e a testagem rápida no gestante e seu(sua) parceiro(a) nesse momento da gravidez. A orientação e terapia devidamente direcionada diminui as chances desse tipo de transmissão, quebra preconceitos e melhora a qualidade de vida.

OUTROS CUIDADOS PESSOAIS IMPORTANTES NA PREVENÇÃO

Faça da saúde sexual uma parte da sua vida. Aproveite o sexo com segurança. Veja algumas medidas de prevenção do HIV e outras IST:

- Use sempre preservativo (seja o vaginal ou peniano) nas relações sexuais;
- Faça os testes rápidos de HIV, hepatites B e C e sífilis regularmente;
- Vacine-se contra hepatite B e HPV;
- Use luvas de látex quando usar os dedos para penetração ou fisting;
- Faça barreira protetora com preservativo durante o sexo oral (se tiver alergia ao látex, pergunte ao profissional de saúde sobre alternativas a esse material);
- Use lubrificante à base de água para reduzir o risco de sangramento ou rompimento do preservativo durante o sexo (caso opte por usar o lubrificante de silicone, tenha em mente que ele pode danificar o packer ou a prótese peniana), e também pela possível redução da lubrificação vaginal pelo uso de testosterona;
- Se você usa um packer ou prótese peniana para relações sexuais/volume/urinar, mantenha-o sempre limpo, lavando com água e sabão e secando bem;

- Previna-se e ao(a) seu(sua) parceiro(a) usando preservativo em seu packer ou prótese peniana ao penetrar (relações anal e/ou vaginal);
- Tenha em mente que a testosterona não previne a gravidez; portanto, fale com seu ginecologista sobre formas seguras e eficazes de prevenir ou planejar a gestação;
- Não compartilhe objetos pessoais (alicates de unha e cutícula, barbeador ou lâmina de barbear, packer, prótese peniana ou objetos para fazer chuca) e roupas íntimas;
- Solicite a troca de agulhas e de tinta quando for fazer tatuagens e piercings;
- Fale sobre sexo com seu(sua) parceiro(a). Discuta o que você gosta e não gosta de fazer, e como manter o sexo mais seguro para ambos.

COMO REDUZIR AS CHANCES DE TER IST EM UMA RELAÇÃO SEXUAL DESPROTEGIDA

Se você tem uma parceira ou um parceiro há muito tempo e deseja realizar sexo sem camisinhas nem barreiras, como alguns casais escolhem, como fazer isso da forma mais segura? Sendo um casal monogâmico ou não, vocês precisam ter uma relação de confiança muito desenvolvida e bastante responsabilidade para tomar essa decisão.

Vocês podem procurar a unidade de saúde no SUS e solicitar realizar exames de HIV, sífilis, hepatites B e C, gonorreia e o exame de coleta da secreção vaginal (o preventivo de câncer de colo de útero, que pode detectar presença de HPV e outras infecções na vagina). É possível fazer a PrEP, a profilaxia pré-exposição ao HIV, antes de acontecer a relação sexual desprotegida.

É importante saber que há uma "ordem" de práticas sexuais desprotegidas em que vão aumentando as chances de transmissão de IST: há mais chances no sexo anal desprotegido, depois no sexo vaginal desprotegido e menos chances no sexo oral desprotegido. Evite também fazer sexo desprotegido com várias pessoas, para não aumentar as chances de contágio.

Se a relação sexual desprotegida não foi **planejada**, se aconteceu de modo passional, se você estava bêbado ou sob uso de outras substâncias ou, ainda, se você foi vítima de alguma violência sexual, você pode utilizar a PEP, a profilaxia pós-exposição ao HIV e outras IST.

Ainda assim, pense bem na possibilidade **continuar utilizando os preservativos**. Todo mundo gosta de transar e sentir prazer, não é mesmo? Mas o que você acha de transar, sentir prazer e ainda ficar com a cabeça despreocupada depois, sem medo de ter contraído alguma IST ou HIV? Basta ter consciência de que praticar sexo seguro com camisinha não é ter que abrir mão de sentir prazer, mas sim combinar as duas coisas.

MAIS DIREITOS DOS HOMENS TRANS NO SUS

Política Nacional de Saúde Integral LGBT

Você sabia que todos têm direito ao livre acesso ao serviço de saúde pública? Independentemente de raça, gênero, identidade de gênero, orientação sexual, credo e outros fatores, o acesso à saúde pública é um direito básico do cidadão, garantindo a todos o direito de prevenção, manutenção e recuperação da saúde humana.

Em teoria, todos temos acesso à saúde; porém, na prática, sabemos que muitas pessoas trans não vão ou deixam de ir aos serviços de saúde, em função da discriminação. Por mais que seja um direito assegurado, o sistema ainda é sustentado pelo trabalho de pessoas e profissionais, cheios de suas crenças pessoais, convicções e preconceitos, o que pode dificultar o acesso de alguns grupos, como é o caso das pessoas trans. Por isso, é muito importante ter ciência de seus direitos e munir-se deles, reivindicando-os em qualquer situação em que alguém tente desrespeitá-los.

Hoje, no SUS, existe a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, que reforça alguns direitos básicos da população LGBT, em especial da população trans. É extremamente importante continuar lutando pela manutenção desses e de novos direitos, no intuito de conquistar cada dia mais igualdade na oferta dos serviços do SUS. Conheça seus direitos, cuide de sua saúde, previna-se!

Respeito ao seu nome social em todo o SUS

Você sabia que tem o direito, em toda a rede de saúde pública do Brasil, de ser chamado pelo seu nome social (o nome masculino que você utiliza, mesmo que não seja o mesmo nome nos seus documentos oficiais) e ter um campo para registrar o nome social nos documentos internos dos serviços de saúde? Isso é garantido em todo o SUS por meio da Portaria nº 1.820, de 13 de agosto de 2009, que cria a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde e garante o respeito ao seu nome social e à sua identidade de gênero, enquanto homem trans e pessoa transmasculina.

Cartão SUS com nome social

Em conformidade com o direito ao nome social garantido na Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde, o Cartão SUS pode ser impresso apenas com o nome social, a data de nascimento e o número do Cartão SUS, sem o nome que consta no RG.

O Núcleo Técnico do Cartão Nacional de Saúde criou a Nota Técnica nº 18/2014, no sentido de esclarecer e orientar gestores da saúde e os operadores do Sistema CADSUS Web responsável pelo cadastramento de usuários do SUS. Nessa nota, é informado como se preenche o campo "Nome Social/Apelido" e como se imprime o Cartão SUS somente com o nome social.

Processo Transexualizador no SUS

A política de saúde específica para pessoas trans (transexuais, travestis, transgêneros e intersexuais) é o chamado "Processo Transexualizador no SUS", garantido por meio da Portaria nº 1.707/2008, e tem suas diretrizes instituídas pela Portaria nº 2.803, de 19 de novembro de 2013. Com a criação e credenciamento de uma equipe de Processo Transexualizador, você, enquanto homem trans, possui o direito de ter consultas com psicólogas, assistentes sociais, enfermeiras e médicos (para terapia hormonal), realizar cirurgias de

mastectomia ou mamoplastia masculinizadora e histerectomia, além de receber testosterona gratuitamente e também fazer exames de sangue.

Verifique se existe algum ambulatório habilitado em sua região, por meio do link: http://portalms.saude.gov.br/atencao-especializada-e-hospitalar/especialidades/processo-transexualizador-no-sus/acesso-e-regulacao.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer. **Diretrizes Brasileiras para o Rastreamento do Câncer do Colo do Útero**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016a, p. 32-35.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Programa Nacional de Imunizações** [on-line]. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/campanhas/pni/>. Acesso em: 25 maio 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância de Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na população brasileira**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de IST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Prevenção Combinada do HIV: Sumário Executivo**. Brasília: Ministério da Saúde 2017.

SOUZA et al. (Coord.). **Projeto transexualidades e saúde pública no Brasil:** entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans. Relatório descritivo. Disponível em: <http://www.nuhufmg.com.br/homens-trans-relatorio2.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2018.